



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional

## SERVIÇO SOCIAL, PROJETO PROFISSIONAL E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: APONTAMENTOS SOBRE TENDÊNCIAS DA ATUALIDADE

Flávia Augusta Santos de Melo Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto surge a partir de algumas reflexões sobre o estudo de referenciais indicados na disciplina Formação, Cultura Profissional e Serviço Social desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, bem como leituras complementares ao tema. Apresenta de forma sintética elementos sobre debate concernente às concepções teóricas e políticas mais gerais da Modernidade e Pós-Modernidade, relacionando-as com as questões contemporâneas de sustentação do projeto profissional do Serviço Social. As análises aqui presentes evidenciam as relações entre a profissão de Serviço Social e as teorias modernas, especialmente a tradição Marxista e as críticas Pós-modernas a ela, caracterizando estes movimentos e pontuando os desafios e dilemas do projeto ético-político do Serviço Social.

**Palavras-Chave:** Pós-modernidade, Serviço Social, Projeto Profissional.

**Abstract:** The present text arises from some reflections on the study of referential indicated in the discipline Training, Professional Culture and Social Work developed by the Graduate Program in Social Work of the Federal University of Pernambuco, as well as complementary readings to the theme. It briefly presents elements on the debate concerning the more general theoretical and political conceptions of Modernity and Post-Modernity, relating them to the contemporary issues of support for the professional project of Social Service. The analyzes here present evidence the relations between the Social Service profession and Modern theories, especially the Marxist tradition and the postmodern critiques of it, characterizing these movements and punctuating the challenges and dilemmas of the social-political project of Social Service.

**Keywords:** Postmodernity, Social Service, Professional Project.

### 1. INTRODUÇÃO

Conforme Guerra (2013), o Serviço Social se insere no âmbito da divisão social e técnica do trabalho como uma profissão interventiva e institucionalizada para responder às diversas expressões da chamada “questão social”. Tomando como procedente a síntese mencionada, devemos relacioná-la ao que se entende conceitualmente enquanto gênese da profissão. Montañó (2007) desenvolve conceitualmente um debate que gira em torno da existência de duas perspectivas explicativas opostas, ou seja, a via endogenista e a via histórico-crítica.

A perspectiva endogenista: a primeira das teses sustenta a origem do Serviço Social na evolução, organização e profissionalização das formas “anteriores” de ajuda, da caridade e da filantropia, vinculada agora à intervenção na “ questão social”.[...] A

---

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe, E-mail: flavia.augustasm@hotmail.com.

perspectiva histórico-crítica: procurando um novo caminho de análise, surge, em oposição à anterior, uma segunda tese de interpretação sobre a gênese e natureza do Serviço Social. A mesma entende o surgimento da profissão do assistente social como um produto da síntese dos projetos político-econômicos que operam no desenvolvimento histórico, onde se reproduz material e ideologicamente a fração de classe hegemônica, quando, no contexto do capitalismo na sua idade monopolista, o Estado toma para si as respostas à “questão social”. (MONTAÑO, 2007, p-19 a 30).

Nesse aspecto é imprescindível afirmar, de antemão, que a partir de uma perspectiva histórico crítica, compreende-se que a gênese do Serviço Social ocorre num dado contexto do capitalismo em sua fase monopolista, associada ao papel do Estado e as formas de enfrentamento deste à “questão social”<sup>2</sup>. No entanto, conforme mencionado, há outras interpretações de diferentes referenciais teóricos que defendem a perspectiva endogenista de que o Serviço Social é o desenvolvimento e tecnificação da ajuda, da filantropia e caridade. As explicações diferenciadas decorrem de opções teóricas, políticas e ideológicas oriundas das metanarrativas presentes na Modernidade. O estudo dos teóricos clássicos das ciências sociais, entre eles Marx, Durkheim e Weber, torna-se fundamental para entender as atuais discussões acadêmicas e as influências e críticas que emergem com o movimento denominado de “Pós-modernidade”<sup>3</sup>.

O Serviço Social não está alheio as implicações e desenvolvimentos de produções que partem de perspectiva diferenciada de sua direção referenciada através do projeto ético político e sofre rebatimentos, dentre estes, as críticas ao seu referencial teórico hegemônico (teoria social de Marx) e a conjuntura opositora à consolidação do seu projeto de profissão, que anseia por emancipação humana e organização da classe trabalhadora para a constituição de uma nova sociabilidade, diferente daquela que se consolida no capitalismo.

Para compreender as perspectivas e características ideoteóricas que referenciam e influenciam o Serviço Social é preciso desvendar os fundamentos de tais teorias e suas origens, bem como, perceber as críticas a estas tendências contemporâneas no âmbito das ciências sociais. Não há como tratar de Pós-modernidade sem mencionar a Modernidade, nem tampouco, discorrer sobre o projeto profissional do Serviço Social sem abordar sua relação com a Teoria Social de Marx.

## **2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS E POLÍTICAS MAIS GERAIS DA MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE E SUAS RELAÇÕES COM AS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS DE SUSTENTAÇÃO DO PROJETO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL**

---

<sup>2</sup> Assim como Netto, usaremos a categoria “questão social” escrita entre aspas por compreendê-la como uma expressão que não possui semântica unívoca, pelo contrário, possuindo compreensões diferenciadas e diversas atribuições de sentido (2011, p.152).

<sup>3</sup> Karl Marx é mencionado sempre na perspectiva de sua contribuição, o legado da Teoria Social Crítica e o método Materialista Histórico e Dialético, mas também sem a pretensão de discorrer explicativamente sobre eles.

Diante das reflexões acerca dos fundamentos do Serviço Social e da Teoria Social Crítica (Marxiana) percebe-se que são intrínsecas as relações que a profissão de Serviço Social possui com a produção e reprodução da vida social e os rebatimentos que sofreu e sofre das Teorias Modernas e ideias das críticas Pós-Modernas.

A Modernidade pode ser considerada como uma nova fase da humanidade, pois inaugura uma era com diferenças consideráveis em relação ao antigo regime, o feudalismo. O marco de um novo sistema, o capitalista, se deu a partir das revoluções ocorridas na Inglaterra e França, caracterizadas pela revolução burguesa. Assim, Hobsbawm afirma que a “transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo”. (HOBSBAWM, 2009, p. 20).

A Modernidade traz consigo projetos antagônicos e diversas contradições. Destacam-se como nunca antes na história da humanidade os fantásticos avanços tecnológicos, oriundos da capacidade extraordinária de conhecer o mundo, através da ciência, tecnologia, cultura, etc. Contraditoriamente, assistimos a um crescente pauperismo, com enorme fosso entre os capitalistas, detentores da riqueza e meios de produção, e os trabalhadores, explorados da forma mais perversa e cruel pelo Capital. Desta forma, a Modernidade continha avanços na capacidade de “desencantar o mundo”, mas toda a riqueza acumulada e tecnologia não estavam a serviço do trabalhador.

Com dois projetos de sociedade antagônicos, o capitalismo e o socialismo, a Modernidade fracassou na realização de ambos, pois seus valores e ideais não se concretizam. A crise da modernidade se dá por não terem se realizado as suas promessas de liberdade, riqueza em abundância, fraternidade entre os povos, o novo mundo. Os sonhos burgueses ainda existem no imaginário, mas se concretizam apenas para estes, não mais revolucionários e sim a atual classe detentora do poder. A este respeito, Rouanet, de forma mais contundente, afirma que “o que está em crise é o projeto moderno de civilização, elaborado pela Ilustração europeia a partir de motivos da cultura judeo-clássica-cristã e aprofundado nos dois séculos subsequentes por movimentos como o liberal-capitalismo e o socialismo (ROUANET, 1993, p. 9).

As metanarrativas oriundas da Modernidade, com a função de compreender a nova sociabilidade, tinham em comum a ideia da razão e, a afirmação da perspectiva da totalidade, com muitas diferenças entre elas. Estas Teorias “entram em crise”, passando a negar tais valores não materializados. A esta crise, as ciências sociais tem dado o nome de “Crise de paradigmas”, que, conforme Ianni tem a ver com as ideias de que houve

[...] decomposição dos modelos clássicos e na obsolescência de noções como as de sociedade, comunidade, capitalismo, divisão do trabalho social, consciência coletiva, classe social, consciência de classe, nação, revolução. Critica-se a abordagem histórica, globalizante ou holística, e preconiza-se a sistêmica, estrutural,

neofuncionalista, fenomenológica, etnomenológica, hermenêutica, do individualismo metodológico e outras. Considera-se que os conceitos formulados pelos clássicos já não respondem às novas realidades. Agora, o objeto da sociologia deveria ser o indivíduo, o ator social, a ação social, movimento social, identidade, diferença, cotidiano, escolha racional. (IANNI,1990, p. 90).

Alguns autores trabalham a partir da perspectiva de que a pós-modernidade pode ser compreendida como um movimento de crítica e frustração perante a Modernidade, tendo como auge a lógica cultural do capitalismo tardio.

Netto (2010), ao escrever o posfácio à segunda edição do livro *Estruturalismo e a miséria da razão*, de Carlos Nelson Coutinho, nos brinda com explicações históricas sobre esse “giro teórico à direita”, onde “o novo ‘espírito do tempo’ se coloca em conformidade com produções a exemplo de Lyotard, que em 1979 publica o texto *A condição pós-moderna*, que para muitos estratos intelectuais se tornou fundacional. Como o próprio Netto informa, é preciso ressaltar que as expressões do pensamento pós-moderno não nasceram em 1979, pois há uma eclética e vasta gama de intelectuais e autores que já antecederam as feições do chamado ‘espírito do tempo’ contemplado na obra de Lyotard. Como caracterização desta expressão, pós-modernidade envolve mais que o pós-modernismo, é movimento intelectual muito diferenciado, pois não constitui um campo teórico e ideopolítico homogêneo.

O autor ainda menciona que, do campo ideopolítico existem os pós-modernos de ‘oposição’ e os de ‘celebração’, estes são qualificados como neoconservadores e convencidos de que a sociedade burguesa é o ponto de parada final da história, já aqueles são críticos da ordem do capital. No campo teórico, as distinções não são tão fáceis, já que não existe nem *uma* nem *a* teoria da pós-modernidade: há teorias pós-modernas, mas apresentam elementos comuns constituídos pelos seguintes pontos:

- a) aceitação da imediaticidade com que se apresentam os fenômenos socioculturais como expressão da sua inteira existência e do seu modo de ser; assim [...] tende-se a suprimir a distinção entre aparência e essência[...].
- b) a recusa da categoria totalidade[...].
- c) a semiologização da realidade social: [...] privilégio às dimensões simbólicas na vida social acaba por reduzi-la, no limita, ou à pura discursividade ( “tudo é discurso”) ou ao domínio do signo e/ou à instauração abusiva de hiper-realidades. Também entre as diversas formulações do pensamento pós-moderno, há duas constantes generalizadas. A primeira refere-se à entronização do *eclétismo* [...] e a segunda relaciona-se ao *relativismo*. (NETTO, 2010,p.261 a 262).

Esse irracionalismo pós-moderno tem se justificado em virtude da então propalada “crise” nas ciências. Evangelista (1992) enumera diversos fatores que levam a esta “crise” e chama a atenção que a crítica maior à teoria tem seu alvo naquelas que procuram explicar o movimento da sociedade em seu conjunto. No que apresenta a crítica a teoria marxista, há

inferências que focam alguns pontos considerados equívocos de interpretações realizadas por representações de uma “luta” contra o materialismo.

No que diz respeito a alguns dos desafios ao Serviço Social, às críticas a Teoria Social Crítica, presentes na contemporaneidade, servem de justificativas e adesão a propostas que tendem ao debate em torno da pós-modernidade.

O exercício profissional do assistente social, a partir de suas origens, possui fortes influências da visão da Igreja e de teorias hegemônicas nas ciências sociais no período em questão. A formação do profissional em Serviço Social neste período constituía-se a partir da influência neotomista, base filosófica da Igreja católica que adquire uma direção político-ideológica determinada, em face da “questão social” (BARROCO, 2006), e da teoria Positivista.

As aproximações sucessivas entre o Serviço Social brasileiro e a teoria social crítica têm início na conjuntura de ditadura militar, difundidas de forma “vulgar” (IAMAMOTO, 1998), por retratar interpretações de outros autores e não das fontes originais em textos marxianos. Conforme Santos (2007), esse primeiro encontro trouxe elementos ideopolíticos para o processo de ruptura do Serviço Social tradicional, mas apresentou problemas devido aos equívocos de interpretação do Marxismo. A partir da década de 1980, Santos (2007) considera que houve uma apropriação epistemológica do Serviço Social com a tradição marxista, o que acarretou no entendimento do marxismo como modelo a ser seguido e aplicado na prática, sem as devidas mediações profissionais e de forma dissociada. Inevitavelmente, estes equívocos levaram a frustração profissional.

A década de 1990 representa um momento de amadurecimento da reflexão crítica do Serviço Social frente a um contexto marcado, entre outros, pelos seguintes processos: globalização do capital, reestruturação produtiva, hegemonia do neoliberalismo, restringindo a operacionalização das políticas sociais, e a consolidação da democracia na sociedade brasileira. Uma apropriação ontológica da teoria social de Marx ocorre nesta conjuntura e “vai captar as mediações que estiveram, em grande parte, ausentes do momento anterior e sistematizá-las no projeto ético-político-profissional” (SANTOS, 2007, p. 79).

A matriz teórica Marxista passa então a ser considerada hegemônica no Projeto Ético-Político do Serviço Social após o processo de renovação profissional que “alcança outros patamares quando compreende a vinculação orgânica entre profissão e realidade”. (SANTOS, 2007, p. 80). A direção social da profissão, claramente assumida em defesa da classe trabalhadora, fica bem referendada nos diversos instrumentos legais que materializam o projeto profissional, como a Lei que regulamenta a profissão (nº 8662/93), as novas diretrizes para o curso de Serviço Social, aprovadas em 1996 pela ABEPSS e em 2002 pelo MEC/CNE, e o novo Código de Ética Profissional de 1993, vigente até os dias atuais.

Mesmo atualmente, não podemos assegurar que a leitura Marxiana tem feito parte da formação profissional do Serviço Social e hegemonizado o referencial ideoteórico dos assistentes sociais brasileiros. Duas questões me parecem ser elementares para esta determinação e, ao mesmo tempo, se apresentam como desafios ao projeto profissional. As condições de formação profissional em Serviço Social é uma destas questões, na medida em que assistimos a uma “acelerada massificação e desqualificação da formação, com evidentes repercussões futuras no exercício profissional [...] que, desqualificado, vulnerabiliza a imagem da profissão [...], e tende a dificultar a formação de novos quadros teóricos e políticos para o projeto profissional”. (BRAZ, 2007, p. 9).

Outra questão diz respeito às vias de aproximação da Pós-modernidade à profissão, tendo em vista as influências conservadoras fundantes do Serviço Social:

Existem aquelas críticas de origem conservadora que rejeitam o marxismo e atualizam-se absorvendo, numa moldura sincrética, as proposições pós-modernas, e existem aquelas críticas que, ainda reivindicando o marxismo em alguns de seus aspectos, recomendam a superação de “lacunas” e o aumento de sua potencialidade explicativa com os “paradigmas pós-modernos”. (SANTOS, 2007, p. 87).

Outro grande desafio a ser superado pela categoria, que tem a ver com as colocações acima, é a capacidade de conhecer as teorias, os métodos que as fundamentam e, ao refletir sobre elas e suas demandas de trabalho, concatenar instrumento e técnicas condizentes. Os estudos de Guerra (2011) sobre a relação teoria e prática assinala que “[...] não obstante as requisições profissionais por “novos” instrumentos operativos, a profissão carece de uma racionalidade, como fundamento e expressão das teorias e práticas que seja capaz de iluminar as finalidades, a partir das quais o aparato técnico-operativo é mobilizado”. (GUERRA, 2011, p. 14).

Acerca da relação teoria e prática, Netto (1995, p. 111) pondera que devemos compreender que cada uma destas categorias tem natureza diferenciada, apesar de serem indissociadas. A prática alimenta a teoria e esta não é o receituário da prática. A instância da prática tem um nível de complexidade que teoria nenhuma consegue apanhar.

De acordo com as reflexões de Iamamoto (2002, p. 121), o assistente social consegue revelar o significado social de sua prática profissional, dando particularidade ao Serviço Social, apenas quando a compreende inserida “no jogo das relações das classes sociais e de seus mecanismos de poder econômico, político e cultural, preservando, no entanto, as particularidades da profissão enquanto atividade inscrita na divisão social e técnica do trabalho”.

Ainda enquanto desafios contemporâneos que se apresentam ao Serviço Social, corroboramos Mota e Amaral (2014) no que tange às manifestações (re)criadas

(re)formuladas do conservadorismo profissional, levando-se em conta os contextos conjunturais de mudanças do capitalismo nos últimos decênios do século XX e primeira década do século XXI.

A magnitude dos desafios postos pela atual conjuntura repõe, no plano político-profissional, a relação entre o movimento da sociedade, a dinâmica intelectual da profissão e os requerimentos prático-profissionais, produzindo inflexões significativas na trajetória do Serviço Social, dentre elas, uma nova ofensiva conservadora, que, conforme afirmamos anteriormente, através do pensamento pós-moderno, do pragmatismo e do ecletismo, insiste em reduzir o projeto profissional a sua viabilidade prática, tecnicando-o e imprimindo uma racionalidade e instrumentalidade negadora de seus princípios e propósitos. (MOTA e AMARAL, 2014,p.41)

Nesse sentido e do ponto de vista das ações práticas desenvolvidas nos serviços e políticas sociais, observamos embates que se traduzem em pressões institucionais, cortes orçamentários, não garantia de condições de trabalho adequadas, tentativas de descaracterização da imagem profissional, desumanização das relações sociais, enfim, aspectos que conformam para a justificação de reprodução programada de tarefas que confundem o essencial pelo aparente fenomênico e que no plano teórico encontra explicações em correntes do pragmatismo, que conforme Guerra (2013) é entendido como “representação ideal da imediatividade do mundo burguês, encontra o solo mais adequado para influenciar a profissão dos pontos de vista prático e profissional, teórico e ideopolítico”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo do entendimento de que a luta de classes é parte da vida e do cotidiano profissional, o assistente social deve ampliar o seu horizonte profissional, não se contentando apenas em se aperfeiçoar tecnocraticamente enquanto espelho da instituição, nem realizando atitudes fatalistas, messiânicas ou voluntaristas, mas tendo preparo teórico-político e estando atento para acompanhar o movimento das classes sociais e compreendendo os limites do poder institucional (IAMAMOTO, 2002).

Portanto, sem uma formação profissional qualificada e contínua, que se aproprie dos referencias teóricos e metodológicos criticamente, com capacidade técnica-operativa de atuação, não superaremos os inúmeros equívocos e desafios para compreender nosso projeto ético-político profissional e contribuir para sua consolidação. Conforme os esclarecimentos de Braz (2002, p. 405), “o relativo desconhecimento do Projeto Ético-Político pela categoria pode ser justificado pela precoce inserção do tema no debate do Serviço Social e, ainda, (e em consequência disso), pela parca produção de conhecimentos acerca do tema”.

No entanto, é importante que esteja claro não ser o profissional de Serviço Social o responsável pela materialização de princípios revolucionários nem tampouco a construção de uma nova sociabilidade. Pelo contrário, a profissão sofre rebatimentos conjunturais que vão inviabilizar condições objetivas de hegemonia e implantação de seu projeto profissional. Obviamente que a crise deste projeto societário da classe trabalhadora está associada às crises e contradições do Capital e, conseqüentemente ao movimento Pós-moderno, configurando seu desafio frente a este. Concordando com Braz, penso que as possíveis saídas, além da defesa radical dos princípios do Projeto Ético-político, estão na articulação da profissão com setores avançados na luta social contra o capitalismo e, nos valermos dos nossos instrumentos teóricos e legais e valorizarmos nossas conquistas, especialmente na manutenção do legado referenciado pela tradição crítica de produção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social: fundamentos Ontológicos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRAZ, M. Notas sobre o projeto ético-político do Serviço Social. In: **Assistente Social: ética e direitos**. Coletânea de Leis e Resoluções. 4. ed. Rio de Janeiro: 2002.

\_\_\_\_\_. A hegemonia em xeque. Projeto ético-político do Serviço Social e seus elementos constitutivos. **Revista Inscrita**. Rio de Janeiro, v. X, p. 04-10, 2007.

CFESS. Lei 8.662, de 07 de junho de 1993. Lei de Regulamentação Profissional do Assistente Social. In: **Coletânea de Leis**. CRESS 18. Região. Sergipe: Cortez, 2004.

CRESS. Resolução nº 273 de 13 de março de 1993. Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais. In: **Coletânea de Leis**. CRESS 18. Região. Sergipe: Cortez, 2004.

EVANGELISTA, João E. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do serviço social**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Expressões do pragmatismo no Serviço Social: reflexões preliminares. **Revista Katálises**. Florianópolis. v.16, n.esp., p.39-49, 2013.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.



IAMAMOTO. A Questão Social no capitalismo. **Temporalis**, Brasília, DF, ano 2, n. 3, jan./jul. 2001.

\_\_\_\_\_. **Renovação e conservadorismo no S. Social**: ensaios críticos. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

IANNI, Otávio. **A crise de paradigmas na sociologia**, nº 5 jun. 1990.

MONTAÑO, Carlos. **A natureza do Serviço Social**- um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução. São Paulo: Cortez, 2007.

MOTA, Ana Elizabete, AMARAL, Angela S. (ORG). **Serviço Social Brasileiro nos anos 2000**: Cenários, Pelejas e Desafios. Recife, Editora da UFPE, 2014

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. A conjuntura brasileira: o Serviço Social posto à prova. In: **Serviço Social & Sociedade**, n. 79. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Posfácio. In: COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2ª edição. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na modernidade**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Josiane Soares. **Neoconservadorismo pós-moderno e serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2007.